

1º. Encontro ENTRE - História e Psicanálise

Famílias: passado e presente. Uma visão psicanalítica.¹

Maria Aparecida Quesado Nicoletti²

INTRODUÇÃO

Entender o tema casal e família nos dias atuais, tendo como contexto a intersubjetividade entre as pessoas, sempre é uma tarefa difícil. É possível constatar isso, usando apenas o senso comum e acompanhando as notícias diárias que nos informam sobre novas configurações familiares, divórcios, violência familiar, feminicídio, leis de proteção à mulher, entre muitas outras.

Temos acompanhado um conflito de casal estabelecido entre parceiros excepcionalmente notáveis, seja porque integram o meio cinematográfico de Hollywood, seja pelos detalhes escabrosos sobre sua vida matrimonial, que ambos despejam na internet, no transcorrer de um processo judicial transformado em drama televisivo, assistido por bilhões de pessoas espalhadas por todo o planeta. Esse drama se presta a exemplificar as incontáveis formas de agressão que um homem e uma mulher, unidos pelo matrimônio, podem praticar, um contra o outro.

As mudanças socioculturais, econômicas e políticas pelas quais passamos ao longo do século XX são absolutamente inéditas na história mundial e suas consequências

¹ 1º. Encontro ENTRE História e Psicanálise - Famílias: passado e presente. Encontro on-line da Comissão de Psicanálise de Casal e Família CPCF – FEPAL, realizado no dia 28 de maio de 2022. Acesso ao encontro pelo link: <https://youtu.be/PM-tksJlesY>

² Médica e Psicanalista. Membro Efetivo e Docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Membro Fundador da Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família. Membro da Federación Psicoanalítica de América Latina (FEPAL). Ex-Coordenadora da Comisión de Pareja y Familia de FEPAL (2017-2021). Membro da Association Internationale de Psychanalyse de Couple et de Famille (AIPCF). Membro da International Psychoanalysis Association (IPA).

continuarão a repercutir em múltiplas esferas da vida humana no planeta. No entanto, o imaginário popular ainda parece conceber a ideia de casal como a união entre duas pessoas heterossexuais, cujo objetivo principal, ainda que não consciente, é conviver em um mesmo espaço e formar uma nova família, gerando pelo menos um filho.

Esse “modelo mental” ainda predominante, que já dura cerca de cem anos e ficou conhecido como “configuração nuclear de família”, está claramente sendo submetido a tensões reformadoras, criadas pelas características sociais, políticas e tecnológicas da nossa época. Com efeito, na segunda metade do século passado e nas primeiras duas décadas deste nosso século XXI, noções como sexualidade, papéis dos sexos no casamento e limites da vida em família, sofreram e continuam sofrendo mudanças muito significativas.

Em termos psicanalíticos históricos, provavelmente a mudança mais importante ocorrida na dinâmica das relações de casal estabelecidas para fins duradouros, tenha sido a invenção do casamento por amor, em contraposição ao casamento arranjado por interesses políticos e econômicos que predominou por muitos séculos (MOGUILANSKI; NUSSBAUM, 2011, pg.17)³.

Em um espaço de tempo curtíssimo, quando se toma como referencia os registros históricos, as descobertas sobre as forças intrapsíquicas postas em movimento, no limiar do século XX, com a invenção do inconsciente por Sigmund Freud, foram sendo rapidamente enriquecidas por psicanalistas europeus, norte-americanos e sul-americanos.

Ao longo de sua trajetória, Freud usou sua mente treinada, tanto na observação de doentes, quanto em pesquisas neurológicas, para identificar manifestações comportamentais e narrativas apresentadas pelas suas pacientes, em sua maioria diagnosticadas como histéricas. Prestando particular atenção às narrativas dessas pacientes e ao comportamento que apresentavam durante as sessões Freud elaborou a

³ Moguilansky, R; Nussbaum SL Psicanálise vincular: teoria e clínica. São Paulo. Zagodoni, 2011. 270 p.

teoria sobre a existência de um novo aparelho psíquico, que descreveu, sucessivamente, nas suas duas tópicas: 1ª. Consciente- Pré-consciente- Inconsciente;
2ª. Id – Ego – Superego.

Não há espaço e nem tempo para examinarmos aqui como isso aconteceu. O que me parece caber aqui é esboçar um breve resumo sobre como usamos atualmente o imenso legado psicanalítico de raiz freudiana, modificado por tantas mentes psicanalíticas e, especificamente, as que povoam o campo da psicanálise de casal e família.

PSICANALISE INDIVIDUAL E PSICANALISE DE CASAL/FAMILIA: algumas especificidades

Em que pese o fato inegável de que Freud dedicou grande parte de seu esforço para conhecer e compreender o mundo intrapsíquico, cabe dizer que ele não ignorou a existência das forças interpósíquicas, postas em movimento pelo grupo, seja este uma agremiação, seja a multidão reunida em alguma praça, seja o grupo familiar. Sobre esse último, Freud se referiu, em diversos dos seus textos, de forma mais ou menos velada, à noção de família.

Por exemplo, quando afirmou, a respeito do instinto social, somente estimulável pela presença do grupo: *“nossa expectativa é que o instinto social não seja primitivo e que possa ter origens no interior de pequenos grupos, como o composto pela família”*⁴. Ou então quando se aproximou da noção de família para falar de psicopatologia individual, como em 1895, com o caso Elizabeth von R, no qual ele vinculou sintomas somáticos a uma particular dinâmica familiar⁵. Seguiram-se outros exemplos como em 1905, acerca do Caso Dora⁶, no qual mostrou-se interessado nas relações familiares dos doentes,

⁴ Group Psychology and the Analysis of the Ego 1922 London and Vienna: International Psycho-Analytical Press. Pp. viii + 134. (Tr. J. Strachey.)

⁵ Freud, Sigmund. Fragmento da análise de um caso de histeria. In: Freud, Sigmund. Fragmento da análise de um caso de histeria; Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos 1901-1905. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 5-119 (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.7).

⁶ Freud, Sigmund; Breuer, Josef. Casos clínicos. In: Freud, Sigmund; Breuer, Joseph. Estudos sobre a histeria. Rio de Janeiro: Imago, BR, 1974. p. 61-231 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 2) Conteúdo: Fraülein Anna O.: Breuer; Frau Emmy von N.: Freud; Miss Lucy R.: Freud; Katharina: Freud; Fraülein Elisabeth von R.: Freud

afirmando que Dora tinha um lugar determinado pela dinâmica familiar, devido à sua morbidade, conferindo sentido intersubjetivo aos sintomas que a paciente apresentava e afirmando que toda doença é intencional e é expressão de uma modalidade vincular particular. Essas referências que Freud fez, de forma passageira, à família, transformaram-se, no nosso tempo, em campo de pesquisas que confirmam a importância do grupo familiar para os processos de subjetivação do bebê.

Ao longo dos anos, diversos autores, de diferentes partes do mundo, passaram a apontar dinâmicas psíquicas diferentes daquelas que Freud havia mencionado, ao se referir à metapsicologia. Algumas dessas especificidades foram descritas por psicanalistas no trabalho com crianças, como as relações objetais (Melanie Klein); a ideia de maternagem suficientemente boa (Winnicott) e a noção de apego (Bowlbi).

O INICIO DA ABORDAGEM PSICANALÍTICA DE CASAL E FAMILIA

Já a partir dos anos 1940, alguns autores passaram a elaborar teorias especificamente voltadas para a análise de casal e família, como a noção do vínculo (Pichon Reviere, Berenstein e Puget), cuja evolução levou a teorias como as alianças inconscientes (Kaes); organizadores familiares (Eiguer) e diversas outras que hoje nos servem de orientação para o trabalho psicanalítico com casais e famílias. Com eles, chegamos aos nossos dias, nos quais a psicanálise de casal e família me parece estar suportada por corpo teórico suficientemente bem desenvolvido, no que se refere ao modelo de casal moderno, isto é, ao casal formado por parceiros heterossexuais, com poucos filhos, cuja união estável/matrimonial passa por períodos evolutivos que conhecemos razoavelmente bem, que podem resultar na consolidação do vínculo longo do casal ou na sua dissolução.

Quando comparo as narrativas de vida de casais heterossexuais que buscam ajuda psicanalítica, não raramente me deparo com situações que confirmam a frequentemente referida dificuldade que existe para separar, no atendimento de casal e família, o material psíquico individual. O que ouço, no atendimento é material produzido pelos dois participantes no vínculo, o que me leva à confirmação empírica da

teoria que considera o vínculo de casal como paciente na sessão psicanalítica. Centrar a atenção no vínculo de casal não quer dizer que a subjetividade individual não é levada em conta. Pelo contrário, a apreensão do significado e da importância da transgeracionalidade nas dinâmicas de casal e família constitui um dos pilares do trabalho psicanalítico.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CASAL HOMOAFETIVO

Quando o contexto psicanalítico é o de casal e/ou a família homoparental, o corpo teórico que dispomos para lidar com a intersubjetividade me parece muito menos desenvolvido do que o que encontramos no contexto hétero. Acredito que ainda não podemos contar com uma homonormatividade que nos ajude a entender se os organizadores familiares são similares aos que conhecemos no casal/família hétero. Também sabemos muito pouco sobre como, uma vez formados, os casais homoafetivos consolidam seus vínculos, e em que bases subjetivas o fazem. De forma que a psicanálise tem ainda um longo caminho a percorrer para entender melhor as origens intrapsíquicas e o papel das condições contextuais de época que aparentemente se entrelaçam na formação intersubjetivas desses casais.

ONDE ESTAMOS NOS DIAS ATUAIS

Para esta apresentação, escolhi esboçar em linhas gerais os fundamentos teóricos da psicanálise de casal/família com os quais trabalho atualmente. Na minha experiência, geralmente o casal está sofrendo e se encontra como que psiquicamente paralisado por algum tipo de conflito, para o qual, nenhum dos parceiros na dupla parece capaz de encontrar uma saída que permita desfazer as posições intrasubjetivas cristalizadas que os mantêm presos na repetição de acusações mútuas, mal estar no vínculo e afetos negativos, que tornam a vida comum muito difícil.

De maneira sintética, vou abordar a problemática que origina os conflitos que mais frequentemente trazem casais/famílias para o meu consultório privado, localizado em São Paulo. Enquanto refletia sobre como organizar esta minha fala sobre tema tão extenso e complexo, decidi formular duas perguntas que servissem de eixo orientador

para o desenvolvimento desta minha aproximação ao tema psicanálise de casal/família no presente. São as questões:

- Como a psicanálise de casal e família explica a existência frequente de casais formados na vigência da união conjugal por amor se ver imobilizado na rede de ressentimentos mútuos que transforma em sofrimento contínuo o amor inicial que existia entre a dupla?
- Qual é o quadro de referencia psicanalítica básico que utilizo para estabelecer o setting terapêutico para casais/famílias em conflito e para as consequências da situação sobre a vincularidade da dupla e de sua nova família?

COMEÇANDO PELO QUADRO DE REFERENCIAS QUE UTILIZO NA PRÁTICA

No mundo real, a **família ideal não existe** ou é rara. O que se encontra são casais e famílias enredados em vicissitudes no amor conjugal, amor filial e amor fraterno. A **estrutura afetiva necessária** para levar a bom termo a **função familiar** é complexa, seja pela dinâmica com que o casal moderno é formado, a partir do fenômeno que Moguilanski e Nussbaum (2011) denominaram **“a ilusão apaixonada do amor recíproco aliada à sexualidade, como receita para a felicidade”** que sabemos, não se dá totalmente por acaso; ela se delinea, antes mesmo que o casal inaugural se conheça. De fato, cada um deles, no primeiro encontro, traz consigo as “sementes” do arranjo inconsciente de grupo, estruturado em torno do conceito de “organizadores grupais” (EIGUER A, 1989, pg. 18)⁷.

Os organizadores familiares são constituídos por dinâmicas psicossociais que orientam o par na aproximação social e sexual que resulta na formação da família nuclear moderna. Tais dinâmicas, em geral, são categorizadas como: “escolha do parceiro”; “construção conjunta do Eu familiar” e “fantasmática”. Em cada uma dessas etapas, que estão presentes nas atitudes, ações e desejos dos sujeitos que buscam formar um casal, as forças subjetivas que os guiam estão situadas no nível inconsciente de seu aparelho psíquico. Tanto na escolha do parceiro, quanto na construção conjunta dos vínculos de casal e família, predomina a ilusão do amor recíproco.

⁷ Alberto Eguer, Um divã para a Família. Porto Alegre. Artes Médicas. 1989. 180 p.

RELACIONAMENTO SEXUAL ADULTO E FORMAÇÃO DO CASAL

De acordo com Mary Morgan⁸, *“na passagem da adolescência para a etapa adulta do nosso desenvolvimento psíquico, nos separamos psiquicamente, de nossos pais, assumindo o controle de nosso corpo e da nossa sexualidade. E então, para a maior parte de nós, decidimos estabelecer um relacionamento sexual adulto e nos tornarmos um casal, embora, como afirma Weddell desenvolver tal capacidade pode, para alguns, exigir muitos anos e várias tentativas diferentes”* (tradução livre).

De fato, a clínica nos mostra que a capacidade de instituir relacionamento adulto de casal varia muito, no processo de formação do casal moderno. E isso ocorre mesmo quando seus organizadores estão razoavelmente bem encadeados. Esse desenvolvimento, quando ocorre, se dá em meio a riscos que, após algum tempo, ameaçam a continuidade dos vínculos de casal, seja pelas injunções da nossa cultura, seja pela carga transgeracional que os parceiros formadores do casal trazem consigo, no momento da escolha do parceiro. Teoricamente, o vínculo de casal se instala de maneira que haja a criação de um relacionamento sexual adulto entre os parceiros e que essa instituição origine a **criação de um “terceiro simbólico”**; um espaço mental instituído pela dupla que permite que ambos disponham de um lugar para pensar a relação de casal em termos da fundação de seus vínculos, centrados em relações sujeito-sujeito e não em identificações projetivas baseadas em relações objetais inconscientes, que levam um ou ambos os membros da dupla a vivenciar ilusões fusionais e formas desagregadoras de comportamento.

Não raramente, situações de conflito entre os parceiros no casal, são motivadas por problemas de identidade e heranças transgeracionais negativas presentes já na fase de escolha do parceiro. Via de regra tais situações não são reconhecidas pelos envolvidos na busca por um parceiro e seus efeitos sobre o vínculo de casal passam a se materializar como conflitos que parecem entrar em modo de repetição de acusações mútuas que, se

⁸ Mary Morgan, Aspects of time and space in analytic work with couples. *International Review of Couple and Family Psychoanalysis*. Disponível em https://aipcf.net/revue/wp-content/uploads/2021/12/11-AIPCF_N.-25_2-2021-MORGAN-anglais.pdf. Acessado em 02/05/2022.

não devidamente cuidado, por meio de procedimentos de análise de casal, podem levar à ruptura irreversível do vínculo.

ALGUMAS PALAVRAS DE ALERTA SOBRE O ATENDIMENTO PSICANALÍTICO DO IDOSO E A PSICANÁLISE DE FAMÍLIA

No processo de envelhecimento, pode-se identificar, do ponto de vista psicanalítico, uma intersecção que existe entre a realidade biológica inquestionável da velhice, a qual pavimenta, inapelavelmente, a estrada da finitude e a realidade psicanalítica da "desnarcisação" do sujeito idoso, provocada, tanto por determinantes intrapsíquicos, quanto pela exclusão social e o abandono, que não são raros, nesses dias atuais. Essa é uma situação que torna solitária e aterradora a caminhada rumo ao destino final da existência humana.

Anthony Guiddens (1991)⁶ chama essa situação de "sequestro da experiência", significando que, na modernidade, o contacto direto das pessoas com situações e eventos do dia a dia da família, que as ligam com os temas gerais da vida, se tornam raros e, por isso, é comum encontrar pessoas despersonalizadas. Menos do que a separação entre pessoas, arremata Guiddens, o isolamento existencial é o fenômeno "seqüestrador".

Na minha prática clínica com idosos percebo a existência de analisandos que, apesar de viverem em seus próprios lares, geralmente com autonomia conferida pela situação financeira confortável e pela ausência de doenças gravemente incapacitantes, enfrentam problemas emocionais.

Esses problemas podem ocorrer, tanto com pacientes institucionalizados, como em pacientes que vivem de maneira autônoma. Nestes últimos, a procura pelo trabalho analítico geralmente parte dos filhos e o que os motiva, em geral é a constatação de sofrimento do seu parente idoso ou a existência de conflitos vivenciados nas relações entre os membros da família. O trabalho analítico fica favorecido quando, a despeito dos afetos negativos, oriundos de conflitos interpessoais e de sentimentos de culpa, o vínculo de família se mantém presente. A presença do vínculo é sugerida não apenas pela atitude inicial da família, que propicia os meios para a análise e se mostra receptiva a mudanças, mas também pela sua participação ativa no processo de criação de ambiente familiar favorável para que o idoso possa desempenhar novos papéis e, em decorrência disso, perceber no convívio familiar, oportunidades de reinvestimento narcísico, que lhe permita articular o seu presente e delinear uma possibilidade de futuro.

EM RESUMO

Apesar das dificuldades com que os casais e as famílias se defrontam na atualidade, o desejo de casar e constituir família tem grande apelo. A família ainda é a principal maneira com que nos organizamos para gerar filhos e viver em sociedade. É dentro dessa mesma matriz social, nem sempre favorável ao desenvolvimento de subjetivação funcional, que o recém-nascido iniciará seu viver e será exposto às forças governadas pelos princípios do prazer e da realidade, cujos efeitos dependerão, do ponto de vista psicanalítico, de alguns elementos intersubjetivos que governaram, tanto a fase da busca do parceiro (a) para a formação do casal, quanto a produção intersíquica adulta do casal.

Quando algo não vai bem nesse cenário, o psicanalista de casal e família pode proporcionar, com o emprego de teorias e técnicas apropriadas, tanto a compreensão dos significados inconscientes que o casal ou a família ignora, quanto a construção de um espaço intersíquico para pensar o presente e o futuro da relação.

Principais Publicações da autora:

Nicoletti, MAQ Processos de Intersubjetivação na adolescência: o papel da família. In Gomes IC, Fernandes MIA, Levisky RB (org.) Diálogos Psicanalíticos sobre Família e Casal. São Paulo; São Paulo. Editora Zagodoni, 2012. 240pg.

Nicoletti, MAQ A Senescência e a Expansão do Estar na Vida no Contexto Familiar. In Gomes IC, Fernandes MIA, Levisky RB (org.) Diálogos Psicanalíticos sobre Família e Casal. São Paulo; São Paulo. Editora Zagodoni, 2014. 200 pg.

Nicoletti, MAQ Vínculos Familiares Contemporâneos. **psique** ano VI - edição 62 – São Paulo. Editora Escala. Fevereiro 2011. pg.4-7.

Nicoletti, MAQ Identidade. In Levisky RB, Dias ML, Levisky DL (org) Dicionário de Psicanálise de Casal e Família. São Paulo. Blucher. 2021. pg.269-272

Nicoletti, MAQ Identificação Cruzada. In Levisky RB, Dias ML, Levisky DL (org) Dicionário de Psicanálise de Casal e Família. São Paulo. Blucher. 2021. pg.273-276.

Nicoletti, MAQ Identificação Projetiva. In Levisky RB, Dias ML, Levisky DL (org) Dicionário de Psicanálise de Casal e Família. São Paulo. Blucher. 2021. pg. 277-279.

Nicoletti, MAQ Sujeito do Vínculo. In Levisky RB, Dias ML, Levisky DL (org) Dicionário de Psicanálise de Casal e Família. São Paulo. Blucher. 2021. pg.523-525.